

Exposições de Arte

As paisagens do sr. Armando Lucena e os desenhos do sr. Bento Correia

Este ano vai fértil em exposições. E ainda não expuzeram todas as meninas que pintam flôres e cebôlas, alhos e alfaces, couves e panelas... E ainda não surgiram as gentis discipulas dessas senhoras respeitáveis que ensinam a pintar rosas vermelhas em almofadas de sêda azul... E ainda não apareceram os alunos da academia, bem treinados, bem amestrados, a mostrar suas habilidades prometedoras... E ainda não se realizou nos salões da Sociedade de Belas Artes o certame anual, com musica celestial e a visita do sr. presidente da Republica recebida por casacas cerimoniais...

O ano vai fértil, o ano vai fértil! A chuva não tem faltado e as alfaces dos discipulos do sr. Columbano hão de aparecer mais frescas, mais viçosas, mais apetecíveis.

Emquanto as hortaliças e as flôres não chegam vai-se entretendo o critico a visitar com a sua melhor pachorra, com a sua paciencia inexgotável, as salas que por ahi se conservam patentes aos seus olhos curiosos.

* * *

Respira-se em Lisboa uma atmosfera impregnada de tédio que amolece os nervos e peza como chumbo no nosso cérebro. Há necessidade de distracção, de movimento, de actividade mental.

Hesitante, põe-se uma pessoa por vezes a pensar com os seus botões: para onde ir? onde encontrar uma distracção?

E não sabe a gente se há de encafuar-se na *Brasileira* ou no *Imperial*, meter-se num carro e ir vêr os húngaros dar pontapés formidáveis numa bola de couro, ou

deixar-se ficar, para ali, arrimado a uma esquina do Chiado, a seguir com a vista as mulheres pintadas, os *bibelots* ambulantes, as misérias *chics*, o luxo mentiroso.

Um homem que arraste consigo este *spleen* insupportável, um homem aborrecido e massacrado pela banalidade da vida que o cerca, acaba sempre por procurar uma exposição de pintura onde recrear-se...

Procurei o salão Bobone. São ali inevitáveis as exposições de pintura. Encontrei os quadros do sr. Armando Lucena, os verdes do sr. Armando Lucena, o Jardim da Estrela do sr. Armando Lucena.

Faz este pintor aquela arte preciosa que não molesta opiniões, que bem dispõe as senhoras, que provoca os elogios de todos os que vêem os quadros com os olhos, deixando o espirito dormir a sono solto. A pintura do sr. Lucena é uma pintura de pessoa ajuizada, de pessoa que pensa muito no seu pão e no pão dos seus filhinhos. E' uma pintura que, no dizer de qualquer conselheiro ponderado, se póde afoitamente colocar numa parede da casa de jantar, porque não causa repugnância, ou no quarto virginal da filha mais velha, porque não produz pensamentos lubricos.

E' uma pintura deliciosa, pela ausencia de ideias e de intenções. Postar-se uma pessoa em frente de qualquer daqueles quadriláteros que encerram um pedaço do Jardim da Estrela—e pergunta: qual seria o pensamento dominante do autor quando se abalançou a obra de tanto pêzo? Procura-se nos verdes, nas estátuas, nos reflexos dos lagos, nos horizontes, uma intenção, um quê, um motivo—e nada. Chega-se á conclusão de que o sr. Armando Lucena não teve um pensamento superior a norteá-lo. Quiz apenas que os seus pinceis reproduzissem como qualquer *kodak* a paisagem que se lhe apresentou.

Já vimos, pois, que o sr. Lucena pinta porque pinta, pinta por ter a profissão de pintar.

Passemos á técnica pictoral. E' académico, isto é, pinta pelos moldes velhos, pelas receitas já applicadas por todo o mundo. As receitas são como chave de se-

greto divulgada a toda a gente. Com elas obtêm-se todos os tons, resolvem-se todos os problemas da cor, da luz e da perspectiva. Bastam alguns anos de treino para se chegar, por essas receitas, a pintar como toda a gente, a pintar como o sr. Armando Lucena.

Feito o balanço geral: que encontramos nós no sr. Lucena? Um profissional da pintura, um homem que aprendeu a fazer quadros como aprenderia a fazer botas bem feitas. O sr. Lucena não é um pintor. Para ele, pintar é um ofício. O sr. Lucena não é um artista—é um artifice. Como artifice não pôde senão merecer os aplausos do publico e do critico que, como artifice, o admira e considera.

* * *

Na Sociedade de Propaganda de Portugal estiveram patentes os desenhos dum rapaz novo—saído há pouco tempo da Academia de Belas Artes.

Não vimos novidade que espantasse nessa exposição, mas também não observámos pretensões irritantes. Peca pelo academismo? E' verdade. Que devíamos, porém, esperar dum rapaz que durante não sabemos quantos anos esteve submetido á vontade dos mestres, cujo critério de ensino deixa muito a desejar?

Entretanto, vimos, ou melhor, pressentimos no sr. Bento Correia, a par duma modéstia e honestidade impecáveis, uma ancia de libertação que nos merece simpatia.

Se Bento Correia, com as qualidades admiráveis que possui, tomar a peito pôr de parte todo o convencionalismo que o domina e, estudando as modernas theorias da estetica, que nos parece corresponderão melhor ao seu temperamento, procurar tomar posse de si próprio, desenhando o que sente, estamos convencidos de que brevemente poderemos contar com um artista de raro valôr.

Oxalá aquelle desejo de libertação, de originalidade, de sinceridade, que notamos no sr. Bento Correia se accentuem de futuro com mais pujança e independencia.

Mario Domingues